

## **APRESENTAÇÃO**

O Programa de Pós-Graduação em Letras - Área de Concentração: Estudos Literários - concretiza, com este primeiro número de "Itinerários", seu plano de publicação, plano que começou a amadurecer por volta de 1988, quando se consolidava o curso em sua estrutura nova. A existência de uma revista própria, ideal comum a todos os cursos de Pós-Graduação, tornou-se, neste caso, necessidade premente, mas viável, na época do I Colóquio "Linguagem - Libertação" (1988), pela intensidade com que foram vividos os debates, reflexões e até polêmicas.

A idéia nasceu, entretanto, no próprio processo de evolução do curso, mesmo antes do Colóquio, pela urgência de criar-se um espaço, fosse ele qual fosse, onde reflexões, debates e polêmicas pudessem estar de alguma forma corporificados. Tratava-se de registrar a vida do curso, transformar sua produção científica em documento escrito, partindo-se da constatação de que ela só passa a existir plenamente em alguma forma concreta, quando se dá a conhecer e passa a interagir com outras manifestações do pensamento humano. Despontam aqui dois aspectos fundamentais do trabalho intelectual. O primei-

ro aponta para o registro, qualquer registro, como condição essencial de existência no universo cultural, sem o que não lhe é garantido qualquer sentido atuante, nem mesmo enquanto pura virtualidade. O segundo corresponde à necessidade da comunicação de seu produto, traduzindo, por um lado uma vocação para o confronto, e, por outro, a consciência da atuação como objetivo legítimo.

O nome escolhido para esta publicação, resultado das longas discussões e intermináveis dúvidas que costumam cercar tal batismo, terá provavelmente sentidos diferentes para cada um dos envolvidos, com o infinito de possibilidades inerentes à palavra. Seria possível, por exemplo, uma leitura associada à própria característica do curso, onde o trabalho desenvolvido, já que voltado para o literário, não objetiva, a rigor, a conquista de verdades absolutas, respostas definitivas, até porque não é assim que ele cumpre seu papel. Importa a esta atividade, mais que atingir uma "conclusão" indestrutível, trilhar um caminho, avaliar descobertas de percurso, mesmo que no ponto de chegada sejam corroboradas afirmações já há muito aceitas. "Itinerários", nesta visão do termo, sugere a marca do curso, a natureza do trabalho so-

bre literatura, com a clara prioridade do processo intelectual, pois nele o que vale são as conquistas, às vezes imperceptíveis, realizadas ao longo da investigação, aquisições parciais, é verdade, até precárias no geral, mas cuja sedimentação levará o pesquisador ao amadurecimento, à contínua ampliação de seus horizontes.

No número inaugural de "Itinerários" está reunido o material correspondente aos Colóquios "Linguagem - Libertação" I e II, de 1988 e 1989. O tema escolhido para eles nasceu de longas discussões, mas pareceu, ao final, traduzir uma idéia de consenso, uma crença, comum aos participantes do curso, no papel humanizador da literatura (aceita como virtualidade, eventualmente transformada em ação manifesta), tendo por correlato fundamental o potencial libertador da linguagem. A esta, desde a Antigüidade, foi associada uma certa desconfiança, no domínio da retórica, algo patente, por exemplo, no verdadeiro libelo do Górgias. A condenação socrática denuncia, talvez pela primeira vez, o poder manipulador da linguagem, sua virtual força destrutiva, sua carga nefasta na instauração da injustiça, revelado assim o perigo implícito na palavra. A denúncia, entretanto, estende-se à palavra poética, banida praticamente a

literatura do ideal sonhado, da organização social e política fundamentada na verdade e no bem. A força da palavra, reconhecida e, sem dúvida, temida, não se restringe, assim ao uso retórico, sabidamente voltado à persuasão, onde se manifesta a fala como ação deliberada. O libelo socrático, uma como que interdição da linguagem trabalhada, isto é, planejada e construída artificialmente, parece diluir-se na beleza, na força literária do diálogo platônico, onde se relativiza a condenação, quando não se dissolve literalmente. Se tal não bastasse, da parte de Platão, ao discípulo Aristóteles cumpre a decisiva revisão do ato condenatório, em claro tom de resposta. Resgata-se, desde então, a linguagem trabalhada, absolvida a retórica, a literatura, admitida a legitimidade do discurso persuasivo, reconhecido o valor intrínseco da palavra poética.

O tema escolhido para os Colóquios pretendeu contemplar a face positiva da palavra, sua virtual força libertadora no espaço onde mais ampla, em certo sentido, é sua margem de atuação, e onde se revela falácia a neutralidade absoluta, a gratuidade completa. O que marcou os Colóquios foi, assim, uma afirmação de valores, na literatura, admitido e implicitamente

aceito o papel libertador da linguagem.

Esta, se manipula e oprime, é também o instrumento primeiro no processo de humanização, na criação de seres livres e, portanto, melhores.

*Maria Magaly Trindade Gonçalves*